

# Caminhando, em luta pelos territórios da existência

No dia 31 de Maio, a Agência Portuguesa do Ambiente (APA) emitiu uma declaração de Impacte Ambiental (DIA) favorável condicionada ao projeto da mina do Barroso, com 593hecares pela *Savannah Resources*. No dia 7 de Setembro, a APA emite uma DIA semelhante ao projeto mina do Romano, em Montalegre, desta feita pela Lusorecursos. Para além destas, dezenas mais projetos de mineração estão atualmente em processo de prospeção ou em fase de pedido de licenças de exploração - e centenas mais na imaginação de um governo que, em parceria com capitalismo 'verde', tem vindo a aprovar concessões por todo o território nacional. Sendo que a mineração do lítio em Portugal está agora a entrar numa nova fase, é importante pensar a próxima etapa das lutas anti-extratvistas em Portugal:

Ao longo dos últimos anos as populações do norte de Portugal têm feito um trabalho incrível de resistência contra a mineração verde, através da constituição de coletivos, de informar as populações, de escrever para os jornais, de se fazer ouvir nas assembleias das freguesias ou municípios, organizando manifestações por todo o país, informando e desmascarando o muito que erradamente se diz, participando em diversos eventos culturais para chamar mais pessoas para a luta, criando paginas online e elaborando mapas, visualizações e relatórios, participando em todo o tipo de eventos sobre os impactos socioambientais da mineração. Têm também agido ao nível dos tribunais, interpondo recursos, injunções, levantado queixas-crime, assim como dos processos formais de avaliação de impacte ambiental, mobilizando as pessoas para contribuírem com milhares de participações nas diversas consultas publicas destas propostas. – *fazendo o esforço por todos.*

Sem querer descurar nenhuma linha de ação, se alguma esperança se tem nos processos formais, é notório como a via dos EIAs não parece ter capacidade de impedir a expansão extrativista em curso, pois operam apenas segundo uma logica da minimização de impactos, a APA trabalhando com as empresas para que estas consigam desenvolver propostas que não chamem muito a atenção. Também ao nível de política municipal muito fica a desejar, veja-se por exemplo como a Comunidade Intermunicipal (CIM) do Alto Tâmega e Barroso veio agora dizer que esta contra a mineração – mas só depois de aprovadas a Mina do Barroso e do Romano! Talvez mais sorte se tenha com os processos legais, por exemplo o recurso da Associação de Baldios de Covas, contra a Savannah, mas não e certo. Nem ser considerado Património Agrícola Mundial pela FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura) serviu ao Barroso para evitar a mineração - que mais se espera? De qualquer forma, que processos formais levem muitas das vezes a importantes menorizações dos potenciais danos, não deixa de ser importante. Mas isto não deve limitar as ambições das lutas anti-extratvistas e ecológicas.

Após as recentes aprovações pela APA estamos a entrar numa outra fase das lutas de resistência e de defesa dos territórios, as quais e preciso começar a preparar. Desde já em torno aos projetos de minas na região do Barroso, sabemos que para muitos as minas não entram - e quem diz as minas, diz mais concretamente as escavadoras, os camiões, as máquinas de destruição das montanhas. Não haverá outro caminho para todas as que estamos nestas lutas. Mas sabemos também que o estado e a EU cade vez mais se aferram aos seus *critical raw materials* e que não terão dúvida **hesitarao** em a violência da mineração, acrescentar a violência policial e legal; sabemos também o peso que estas ações têm sobre indivíduos, a pressão que fazem sobre os coletivos, e a alienação a que votam alguns dos habitantes locais ou dos movimentos quando os processos não são bem preparados. Ação direta necessita da organização de infraestruturas de cuidado legal, social e afetivo. Para isso precisa-se de gente, já.

No sentido dos apoios necessários, muito se tem feito para crescer os movimentos anti-extrativistas, para conectar com outras comunidades em luta contra a extração por Portugal, Europa e pelo mundo fora. As alianças a fazer são claro para além do lítio, reconhecendo que este faz parte de um problema mais alargado do extrativismo, essa máquina infernal que há 500 anos alimenta o projeto colonial e imperial capitalista. Todas sabemos que necessário construir alianças transversais e internacionais, pois as veias são abertas não só na América Latina, mas por todo o planeta; veias por onde circula minério, hidrocarbonetos, mas também os azeites do olival super-intensivo, as frutas de estufa, as habitações mantidas vazias pelas especulações imobiliárias, ou feitas assépticas pelas turistificação, e principalmente os corpos desumanizados e escravizados, forças de trabalho explorado direta ou indiretamente, como o são todas as cuidadoras que dão, desde baixo, apoio as muitas pessoas que o estado abandonou. O resultado é o deixar para trás gentes, comunidades, cidades, montanhas, solos e ecossistemas exaustos – o ataque constante ao *corpo-terra*. Porque a terra não está só no campo, mas também na cidade, e por todo o lado onde as lutas ecológicas por territórios existências estejam a ter lugar.

Por isso mesmo, não é apenas sobre os locais das zonas de mineração que recai a responsabilidade de lutar contra as minas: somos todas 'locais' deste planeta (nos, assim como muitas outras espécies que ainda sobrevivem a extinção em massa que está a decorrer), e sabemos que a longo-prazo a possível sobrevivência de gerações futuras dependerá em grande parte de medidas tomadas pelas gerações atuais. Sabemos que os impactos de uma mina não são só ao nível local ou nacional: pois as emissões de CO<sub>2</sub> resultantes da extração, e de toda a cadeia logística e de produção de baterias vão para a atmosfera, e acrescentam-se aos processos que nos afetam a todos, globalmente, com impactos para hoje, para amanhã, e para o futuro.

Mas para que todos estejamos juntas, precisamos de ter solidariedade para com aqueles cuja luta reconhecemos, mas também - e aqui o mais difícil - com aquelas que falam e enquadram as lutas de maneiras e palavras que nos soam estranhas. Solidariedade necessita de reconhecer que todas habitamos territórios existenciais distintos, que as vezes de aldeia para aldeia as pequenas diferenças são grandes, que muitos não terão hábitos ativistas, que outras que são de aparelhos partidários dos quais desconfiamos, outras que são académicas, outras que são artistas, outras que são doutoras, muitas de classes médias, pequeno burgueses, ou cientistas, ecologistas ou agricultores, mais ou menos hippies, mais ou menos *new age*, mais populares, mais betinhos, mais estudantes, mais autocentrados, mais despolitizados, etc. Se queremos mais gentes a entrar na luta, precisamos de ter a disponibilidade de receber de braços abertos – porque todos nós nos vamos ajustando a modos de lutas que nos fazem mais sentido, a diferentes tempos e alturas das vidas, com diferentes privilégios e possibilidades. Mas todos temos legitimidade para lutar, e esse encontro, na mesma manifestação, na mesma rua, ou em frente a mesma escavadora, deveria ser suficiente para garantir um reconhecimento mútuo, que pelo menos garanta tempo para ouvir e escutar.

Sabendo que esta gestão é difícil, da Sérvia vem um exemplo fortíssimo do movimento *Mar sa Drina*, na voz de Bojana Novakovic [entrevistada no Mapa [xx](#)]: na resistência a Rio Tinto, em vez das eternas discussões sobre qual o **correto formato de luta**, qual o melhor movimento, se o movimento é apoiado por este ou aquele partido, se devemos ir a esta ou aquela manifestação rival, tomou-se ao invés a decisão de todas irem a todas. E assim sendo, durante uma semana de manifestações, todas as manifestações tiveram gente, num processo cumulativo, atraindo assim cada vez mais gente, até ao evento final, curiosamente o mais pacífico, com famílias e crianças e **cãezinhos** - mas já aí com milhares de pessoas. A partir daí não faltaram corpos com energia para lutar, e para bloquear ruas da capital, e para bloquear as escavadoras que aí também estão a tentar mineração do lítio. Tendo em conta a lutas que aí veem, não nos podemos dar ao luxo de optar senão pela lógica de ir a todas: desfiles, manifestações, encontros, grupos de WhatsApp, grupos de discussão, debates académicos, debates políticos, pressão dentro dos partidos, nos municípios, eventos culturais, e acima de tudo o café da esquina ou a paragem de autocarros: as lutas ecológicas são transversais a tudo e todos. O que é preciso? Presença. Presença a cuidar, a resistir e a bloquear, a falar e escutar, *step-up and step-back*, e mais importante, em processo, a imaginar.

Sabemos que a longa duração faz moça. Ao fim de tantos anos de lutas, é difícil manter a massa ativa capaz de dar resposta a permanente as máquinas extrativas, e preciso regeneração constante. No território agrícola, a norte, a geografia montanhosa faz o perto parecer longe, enquanto no Sul o longe é de facto muito longe. Há, claro, problema de números nas organizações locais, que é consequência de um

problema de organização de território (reduzido a dupla extrativismo-turismo), mas também de números gentes com capacidade/disponibilidade de ir a Lisboa, ao Barroso, a Beja, a Sines, ao Algarve... há uma precariedade laboral e social alargada que torna difícil estar em todo o lado. Por isso a presença constante e o encontro são difíceis de manter. Tanto populações locais como os movimentos que mais diariamente organizam estas campanhas, dão por si muitas vezes cansadas, esgotadas, sozinhas, sob o peso de um futuro imposto desde cima, e que não escuta. O entusiasmo vai e vem, e há pouco corpo para tanta violência. Mas porque corpos precisam de outros corpos para viver, manifestações, desfiles, festivais, caminhadas, acampadas, escolas, convívios, workshops, protestos e outros modos de encontro têm sido importantíssimos, não só mecanismo de cuidado e solidariedade, como mecanismos de promover a presença, ganhar tempo para criar afetos, entre modos de existência de mundos muito diferentes ao longo de territórios muito diversos. Mas também para dizer a terra “nos estamos aqui contigo” para proteger, cuidar e reparar. Tudo o que permita repetir estas experiências ao longo do ano, seja num fim de semana, ou por uma tarde para dizer ola as pessoas, ao montado, ou as montanhas, é bem-vindo, pois ajuda a quebrar um isolamento que é bem real. E se alguém puder juntar-se aos movimentos, juntar o seu corpo aos outros, então ainda melhor!

Pelos muitos mundos do mundo, as lutas contra o extrativismo são centrais ao anti-imperialismo, ao anticapitalismo, ao anti patriarcado, ao antirracismo, a descolonização. Qualquer o seu formato, em comum têm sempre o fazer coletivo com a terra. Lutas, que desde a sua precariedade, de abaixo, trazem um necessário retrabalhar de modos de fazer coletivo, levando a um fazer de comunidade, de parentesco, muitas vezes de formas estranhas. E aí o mais bonito, demonstrar que é possível fazer coletivo com a terra não fazendo dela um chão pesado que prenda os corpos a propriedade, ao sangue, ou uma qualquer origem do estado ou da nação - mas procurando aberturas pelo solo, portais que nos permitem viajar no espaço e no tempo, entre pedras e raízes, fazendo comunidade com dimensões ancestrais e espirituais da existência, ganhando confiança em outras formas de ser coletivo. Assim o devemos, aos mundos que na nossa geração estão a ser destruídos; as gerações futuras que têm direito a um planeta habitável, a todas as gerações passadas sofreram a lutar por um mundo em que se possa coexistir. E com a confiança que todas estas gerações, aliadas, são muitas. E certo que todas teremos modos de falar e fazer diferentes. Mas juntas podemos gritar aos extrativistas a promessa de James Baldwin:

*“All your buried corpses now begin to speak”.*

Godofredo